

Revisão gráfica: explorando a dimensão gestáltica do texto

Graphic proofreading: exploring the gestaltic dimension of text

Julia Magalhães Matos e Silva¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo expandir o conceito de revisão gráfica proposto inicialmente por Coelho e Antunes (2010) à luz de noções de Gestalt – tanto no aspecto cognitivo quanto como conceito de design gráfico. Entende-se que o papel do revisor de textos não se resume a observar aspectos linguísticos, podendo explorar outras dimensões, como a materialidade do texto. Sendo o texto escrito um aparato visual, considero ser possível interpretá-lo como uma imagem, um conjunto de unidades (parágrafos) formadas por componentes menores (palavras e linhas). Dessa forma, para a concretização do papel comunicativo do texto, seria também necessário observar a composição visual das unidades que o formam – a apresentação. Sob essa ótica, considero como foco desse tipo de revisão a formatação individual, distinta, mas não excludente do padrão de apresentação prescrito por órgãos externos, como a ABNT. Como forma de ilustrar algumas possibilidades de atuação para a revisão gráfica, foram explorados exemplos no gênero artigo acadêmico, focalizando nos itens de paragrafação, citação direta longa e nota de rodapé. Com os exemplos, conclui ser essencial a uma apresentação eficiente o uso de artifícios que garantam a legibilidade do texto: a construção deliberada e harmônica de parágrafos e o uso de espaços vazios, garantindo pontos de descanso visual ao leitor.

Palavras-chave: Revisão Gráfica. Gestalt. Formatação textual.

ABSTRACT

This article has as objective to expand the concept of graphic proofreading originally proposed by Coelho & Antunes (2010) under notions of Gestalt – both as a cognitive aspect and as a graphic design concept. It is understood that the role of the proofreader is not limited to the observation of linguistic aspects, being also capable of exploring other textual dimensions such as the materiality of the text. Deeming the written text as a visual apparatus, I consider to be possible to interpret it as an image, an ensemble of unities (paragraphs) formed of minor compounds (words and lines). As such, to realize the communicative role of a text, it would also be necessary to regard the visual composition of the unities that form it – namely, its presentation. Under this perspective, I consider to be the main focus of this kind of proofreading to be the text's individual formatting, distinct, but not exclusive from the presentation guideline prescribed by external organizations, such as ABNT. To illustrate some of the fields of action available to graphic proofreading, this article explores examples on the genre of *academic article*, focusing on the items of construction of paragraphs, long direct quotations and footnotes. With the examples, I concluded to be essential to an efficient presentation the use of artifices that guarantee the text's readability: the harmonic and deliberated construction of paragraphs and the usage of empty spaces, assuring visual rest points to the reader.

Key words: Graphic proofreading. Gestalt. Text formatting.

¹ Graduada em Letras/Bacharelado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, atua como *freelancer* nas áreas de revisão textual e diagramação.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A revisão de textos, na qualidade de prática profissional, esteve historicamente associada à correção: espera-se do revisor uma atitude resolutiva perante o manuscrito, que os erros gramaticais e construções impróprias sejam removidos de maneira eficiente e de forma que o produto final seja um texto pronto para a publicação. Embora situações profissionais de revisão muitas vezes acabem por se resumir a aspectos linguísticos (por conta de prazos curtos ou a pedido do próprio autor, que busca a simples “limpeza” do texto), não se pode limitar um processo tão complexo a estes parâmetros.

Assim como qualquer artefato enunciativo, um texto surge com o propósito de transmitir as ideias de *um* para um *outro* (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006), sofrendo então influência direta de seu contexto de produção. Dessa forma, torna-se fundamental ao revisor auxiliar o autor a cumprir esse objetivo comunicativo básico de maneira eficiente. Para isso, é preciso considerar o texto em todos os seus aspectos, tanto os intratextuais quanto os ligados a sua materialidade.

Como discutido em Coelho e Antunes (2010), cabe ao revisor também realizar tipos mais amplos de revisão, estes ligados a noções editoriais, visuais e até mesmo quanto à veracidade ou adequação do conteúdo temático do texto. No presente artigo, busca-se expandir o conceito de revisão gráfica inicialmente proposto por Coelho e Antunes (2010), associando-o às noções de Gestalt (em seu aspecto cognitivo e como conceito de design). Esses conteúdos serão explorados, respectivamente, nas seções dois e três. De forma a ilustrar a relevância dessa forma de revisão, serão discutidos, na seção quatro, exemplos práticos no gênero de artigo científico, com enfoque nos itens *citação direta longa*, *paragrafação* e *nota de rodapé*, à luz do previsto em NBR 10520 – que trata sobre citações em documentos – e NBR 14724 – que trata sobre as regras gerais de apresentação.

2 DEFININDO “REVISÃO GRÁFICA”

Para Coelho e Antunes (2010, p. 206), a revisão gráfica se institui em torno de questões extratextuais relacionadas à apresentação, composição visual e materialidade, ou seja, busca-se verificar se o texto mostra-se visualmente adequado tanto para o seu gênero quanto para o seu suporte.

Para uma revisão gráfica eficiente, deve ser considerado que todo gênero enunciativo possui características mais ou menos fixas (BAKHTIN, 1997), algumas diretamente responsáveis pela identificação do gênero enquanto outras provêm de estilização² e inventividade do autor, sendo mais flexíveis. Da mesma forma, também devem ser verificados alguns fatores de textualidade, pois a maneira como se organiza visualmente o texto (parágrafos, títulos, entre outros) tem influência direta na progressão e articulação de ideias, bem como em sua coerência e sua coesão.

Como forma de ilustrar esse e outros tipos de revisão de caráter mais geral³, as autoras trazem três textos de gêneros distintos, uma piada, uma notícia e um resumo acadêmico (Anexo 1). No entanto, ao discutirem os desvios e problemas desses textos, a revisão gráfica é tratada de maneira breve, sem influência expressiva para o aperfeiçoamento do material. A piada, por ser um gênero formalmente mais livre, não possui “necessariamente, especificações na composição estrutural” (COELHO; ANTUNES, 2010, p. 220), então não houve real necessidade nesse caso de tratar da revisão gráfica. A notícia igualmente não possui um padrão estrutural específico, mas apresenta os componentes estilísticos mais comuns ao gênero,

o título, ou manchete, em letras maiores que o restante do texto, com o objetivo de chamar atenção para o assunto; o lide, ou pequeno texto descritivo da notícia, o corpo do texto da notícia propriamente dito e algum tipo de figura ilustrando o fato ou algo relacionado a ele (COELHO; ANTUNES, 2010, p. 217).

Foi possível verificar que todos esses elementos estão presentes no texto-exemplo. Além disso, um fator passível de verificação pela revisão gráfica seria a divisão da notícia em duas partes, o que ultimamente não seria algo avaliado pelo revisor como uma escolha gráfica, mas como consequência da abordagem de assuntos diferentes.

Destaca-se, porém, o tratamento dado ao resumo. Dentre os exemplos, é o que apresenta um maior problema de ordem gráfica, pois, de acordo com as autoras, apesar de se configurar em um parágrafo único, difere da recomendação de norma quanto ao número de caracteres – 100 a mais do que os 250 recomendados (FRANÇA, 2003 apud

² Trato “estilização” aqui não como elemento estruturante intrínseco a dado gênero, também responsável por sua identificação, mas em na concepção lato sensu, ou seja, o ato de “dar estilo ou forma estética diferente a algo” (MICHAELIS, 2018).

³ No caso, as revisões temática e normalizadora, que, assim como a revisão gráfica, cuidam de aspectos mais gerais do que a revisão linguística (COELHO; ANTUNES, 2010).

COELHO; ANTUNES, 2010, p. 211). Considerando que a revisão gráfica trata de fatores da ordem da apresentação do texto, compreende-se por que esse descumprimento das normas poderia ser encaixado como de caráter gráfico/visual. Por outro lado, menciona-se outro tipo de revisão, a normalizadora, que se responsabiliza pelo acordo do texto “às normas bibliográficas e editoriais” (COELHO; ANTUNES, 2010, p. 206). Em vista disso, porque o número de caracteres de um resumo é ditado por uma norma específica, observar esse cumprimento estaria mais relacionado à revisão normalizadora do que propriamente à revisão gráfica, mesmo com a zona convergente entre âmbitos de apresentação e normalização.

Portanto, ainda que a definição inicial de Coelho e Antunes seja abrangente, para que o uso da revisão gráfica seja realmente justificado, considero ser preciso que se faça um recorte específico para a sua área de atuação.

Inicialmente, deve-se compreender que a formatação de um texto se divide em dois tipos, um de ordem normalizadora e outro de ordem visual. O primeiro se dá através de normas externas ao texto, prescrito ou pelo modelo de gênero (manchetes e subtítulos, na notícia, por exemplo) ou por um órgão normalizador, como a Associação Brasileira de Normas Técnicas, que definem características específicas a serem apresentadas. O segundo tipo, porém, se dá na materialidade do texto (página, tela, etc.), sendo a forma como o conjunto de texto verbal e não verbal se apresenta de maneira individual, ou seja, apenas naquele material específico. Um exemplo prático dessa distinção é este mesmo artigo: embora ele siga normas especificadas pela ABNT, como espaçamento 1,5, fonte 12, etc. (ABNT, 2011), a forma como ele se organiza na página lhe é peculiar (número de parágrafos, ordenação de figuras e títulos, quantas linhas existem em cada parágrafo e em cada página, etc.).

Assim, essa abordagem de revisão gráfica tem uma atuação mais global, pois, como visto para a piada ou para a notícia, nem todos os gêneros textuais apresentam (ou quase não apresentam) formatação normalizadora, diferente da formatação visual, que existe em todo e qualquer texto. Da mesma forma, criando uma distinção entre tipos de formatação de um texto, também é possível separar de maneira eficiente o que caberia à revisão normalizadora e o que caberia à gráfica, pois fica igualmente estabelecido que cada forma de revisão exige conhecimentos e competências específicos: para a primeira, o revisor deve ter familiaridade com normas de apresentação de diversos âmbitos, devendo estar sempre atualizado quanto a elas, podendo ainda especializar-se em um

determinado padrão de apresentação. Já para a segunda, é preciso ao revisor ter um olhar calibrado para noções de ordem visual, estética, também àqueles referentes à textualidade, equiparando sua ação à do diagramador, aquele responsável pela paginação e apresentação do texto. Como a qualidade visual de uma página não é precisamente ditada por normas fixas, apenas princípios e noções gerais de design, torna-se igualmente relevante ao revisor um grande arsenal de referências de boas organizações visuais e criatividade para adequar essas noções e esses exemplos à necessidade específica do autor de cada texto. Em especial, destaco que, para uma revisão gráfica eficiente, o revisor deve compreender o texto mais do que por seu conteúdo, mas pela composição visual de seus elementos pictóricos, tomando-o derradeiramente como uma imagem.

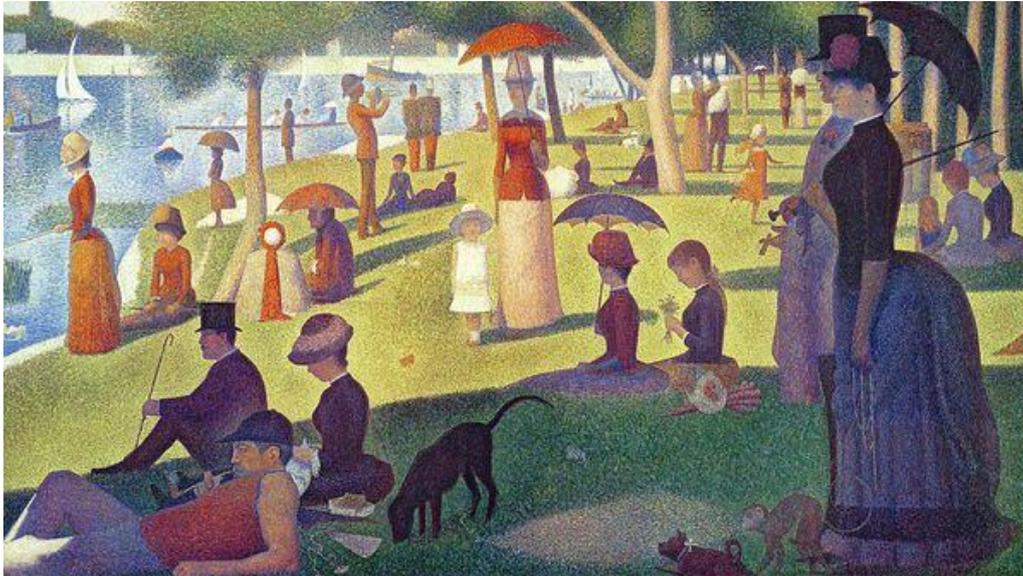
3 TEXTO COMO IMAGEM: UM PROCESSO GESTÁLTICO

Para compreender como se dá o processo de leitura de um texto através de uma ótica imagética, antes devem ser destrinchadas duas noções essenciais: cognição visual e Gestalt.

Quando se trata da aquisição humana de conhecimento, três processos básicos se destacam: sensação, percepção e atenção. De maneira simplificada, é através da captação sensorial feita por um sensor privilegiado (olfato, tato, visão, etc.) ou uma associação de sensores que o organismo elabora a percepção do mundo exterior. Ainda mais, como discutido por Mari e Silveira (2010, p. 4), dentre esses sensores a visão destaca-se no processo cognitivo, tanto pelo olho possuir um grande alcance perceptivo quanto pela sua relação direta com materializações de linguagem – afinal, ao conceituar objetos, sentimentos e situações, por mais abstratos que sejam, o ser humano busca imagens, gestos e símbolos iconográficos que os representem.

Por outro lado, não se pode dizer que a “leitura” ou compreensão de conceitos se dá através da análise individual de seus elementos, mas pela associação deles. Um exemplo preciso desse conceito é a pintura de técnica pontilista, exemplificada na figura abaixo.

Figura 1 - Pintura “Uma Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte”, de Georges Seurat, 1884-1886



Fonte: The Art Institute of Chicago, 2018.

A pintura de Seurat, assim como outras ilusões de ótica, explora a inclinação do cérebro a criar unidades entre elementos relacionados – os verdes da grama, os azuis da água – e a separar unidades que se contrastam – pessoas, animais, árvores –, formando assim, a cena completa.

A organização de elementos em uma ordem específica através de suas relações de semelhança e contraste como forma central da percepção visual humana é a proposição da Escola Gestalt, escola de psicologia experimental do início do século XX formada na Universidade de Frankfurt, Alemanha. Nessa teoria, de maneira semelhante ao que é proposto em Mari e Silveira (2010), discorre-se que a visão se dá por meio do estímulo do sensor – no caso, pela influência de forças de ordem interna e externa. Em um primeiro momento, a luz proveniente do objeto observado estimularia o cérebro, ditando o contexto de percepção. Assim, ao receber esse estímulo, uma força organizadora interna constitui o objeto observado a partir de uma ordem centrada no tipo de relação de seus elementos.

Dentre as diversas formas de relações possíveis, os ditos *princípios* em design, destacamos as que, juntas, trabalham para promover harmonia (unidade): a semelhança, que indica que “em condições iguais, os estímulos mais semelhantes entre si, seja por

forma, cor tamanho, peso⁴, direção e localização, terão maior tendência a serem agrupados [...]” (GOMES FILHO, 2008, p. 35); e a proximidade, que indica que a tendência de elementos próximos a serem vistos como um único conjunto (GOMES FILHO, 2008, p. 34).

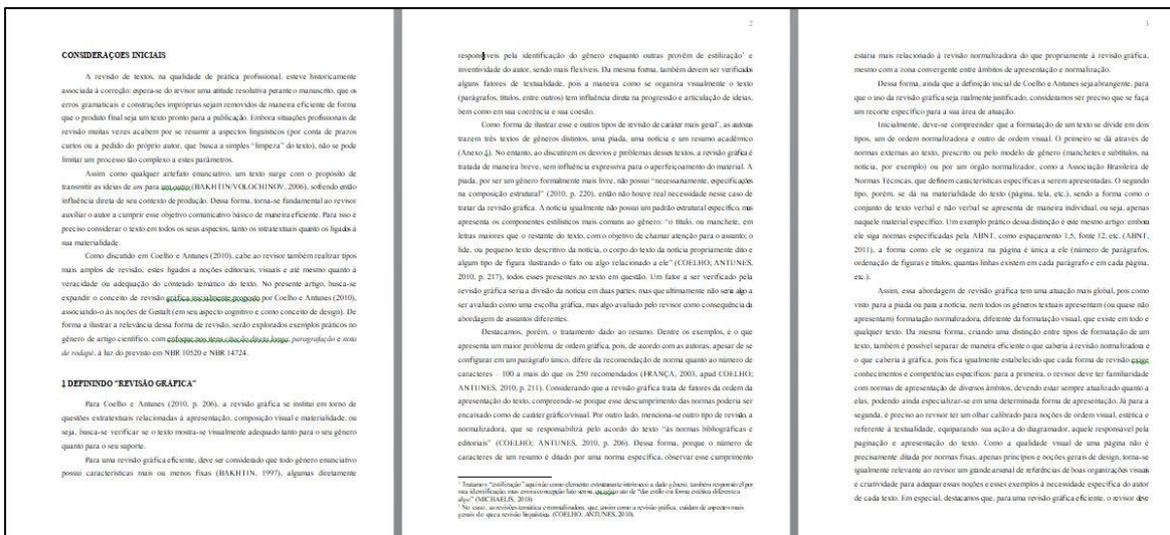
Como qualquer item visual, um texto está sob a influência dessa unificação gestáltica:

[...] enquanto estamos percorrendo os signos desse enunciado, não conseguimos ver apenas o signo *olho* nele grifado. Por mais que fixemos nossa atenção sobre ele, ele será visto integrado a outros signos que o circundam, à superfície onde está fixado, ao contraste com o fundo da página onde estiver impresso. (MARI; SILVEIRA, 2010, p. 5, grifo dos autores).

Desse modo, pode-se dizer que o texto existe em duas facetas: como uma tecnologia que registra a língua, de forma a transmitir discursos e ideias, e como um conjunto imagético de caracteres que se relacionam em palavras, linhas, parágrafos. Nessa perspectiva, se observado com cautela, um texto não se diferencia de uma pintura pontilista: seu corpo é geralmente composto de caracteres de uma mesma fonte tipográfica disposta em um mesmo tamanho, gerando assim um conjunto uniforme pelo princípio de semelhança; e por esses caracteres em geral se organizarem horizontalmente em espaços regulares e verticalmente através de um mesmo espaçamento, cria-se ainda outro tipo de conjunto, esse pelo princípio de proximidade. A unidade final é a ilusão dos parágrafos como blocos, tornando cada página de um texto uma imagem composta pelo arranjo dessas formas geométricas. Esse efeito pode ser percebido em textos de qualquer gênero, desde que existam os princípios de Semelhança e Proximidade, como representado nos exemplos abaixo.

⁴ *Peso*, em design, diz do quão impactante ou chamativo é um elemento visual na página. Geralmente é aplicado em tipografia para descrever diferentes estilos de fonte: uma fonte em **negrito** possui mais peso que uma fonte regular, por exemplo.

Figura 2 - Páginas 1-3 deste artigo, em zoom de 50%



Fonte: elaboração da autora, 2018.

Figura 3 - Exemplo de texto jornalístico/editorial (recorte)



Fonte: KE, 2013.

A concepção do texto como unidades uniformes e geométricas explica, inclusive, a necessidade do uso de títulos, olhos (no caso de editoriais) e outros recursos imagéticos. Não só pela sua função textual de definição de tópico ou destaque de informações, mas para distinguir as unidades do corpo do texto entre si, forçando o olho a separar os blocos a partir desses marcadores. Por outro lado, como um texto possui geralmente uma ordem de leitura estabelecida, elementos de contraste como cor,

destaque e uso de linhas (como o filete de separação da nota de rodapé) distribuem o peso visual entre itens da página, criando um caminho para guiar o leitor⁵. A relevância específica do recurso de destaque para a composição visual do texto será tratada na próxima seção.

Por certo, ao considerar essa forma de leitura do texto, acrescenta-se uma nova camada a ser observada ao tratar da construção de sentido, visto que a ordenação das unidades imagéticas possui influência na textualidade, em especial na progressão e articulação de ideias. Dessa forma, sendo papel do revisor também verificar se existe essa articulação correta ao longo do texto, torna-se também essencial verificar se a composição visual específica do texto que está revisando lhe é prejudicial ou benigna.

4 USO PRÁTICO DE REVISÃO GRÁFICA – GÊNERO ARTIGO CIENTÍFICO⁶

Retomando os dois tipos de formatação discutidos anteriormente neste artigo, ao tratar especificamente do gênero artigo científico, a distinção entre formatação normalizadora e formatação visual torna-se menor, pois há um grande controle da forma pelo meio de publicação ou instituição, estabelecido por normas específicas e, geralmente, inflexíveis. Isso se justifica pela necessidade de padronização do meio acadêmico que, por ter como ponto central a partilha de conhecimentos, precisa que todos os interessados possam ler os textos com facilidade e eficiência. Dessa forma, superficialmente, poderia se dizer que a revisão normalizadora acabaria por abarcar melhor os problemas do autor nesse aspecto. No entanto, mesmo com as normas, a disposição dos elementos textuais na página, parágrafos, títulos, citações e notas de rodapé, ainda é de responsabilidade do autor – e, por consequência, pode ser verificada pelo revisor.

⁵ Em casos mais inventivos, porém, como o presente na figura 3, unidades são destacadas mais pelo princípio estético/temático do projeto gráfico do que realmente como guia de leitura.

⁶ Todos os exemplos elaborados pela autora presentes nas subseções seguintes apresentam textos de tipo Ipsum Lorem, ou seja, textos gerados apenas para preencher o *layout* da página e criar a ilusão de um material finalizado. Nenhum desses exemplos foi criado com intuito normativo para o revisor gráfico, mas como forma de ilustrar o que, em situações específicas, mas comuns, pode ser feito para criar uma composição visual mais harmônica. Não posso frisar menos que cada texto deve ser tratado em sua individualidade e pensado graficamente para as necessidades e o contexto específicos do autor.

4.1 Paragrafação

A paragrafação diz respeito à criação de parágrafos, ou seja, à composição visual do corpo do texto. A NBR 14724 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2011) especifica como regras gerais para a formatação de trabalhos acadêmicos que o trabalho, digitado ou datilografado, deve ser majoritariamente composto em fonte tamanho 12 e espaçamento 1,5 entre linhas, com exceção de seções e itens especiais como referências, citações longas, notas de rodapé, entre outros, que fazem uso de espaço simples e fonte menor. Embora não esteja especificado nessa norma, é estipulado também em diversos materiais⁷ relacionados à formatação conforme a ABNT ou que citam a NBR 14724 como referência o uso do parágrafo justificado e de uma mesma fonte para todo o texto, bem como o recuo de primeira linha de 1,25 cm, sendo o último mencionado como uma recomendação.

Ao observar esses critérios normativos de formatação, percebe-se que existe uma grande unidade entre todos os elementos verbais do texto, pois diferentemente de gêneros em que se faz uso de fontes de diferentes famílias e cores variadas, os trabalhos acadêmicos não possuem elementos com peso muito distinto – o que, pelos princípios de semelhança e proximidade, acaba gerando a visualização de blocos muito mais facilmente. A principal forma de dar pesos distintos aos elementos na página se dá pelo destaque (negrito, itálico e sublinhado) e pelo tamanho da fonte, além de guias visuais como o filete, no caso das notas de rodapé. Todos esses recursos, no entanto, possuem uso deliberado pela norma. Simultaneamente, ciente da uniformidade do texto, as normas fornecem artifícios para promover alguma distinção, notadamente o uso de espaçamento e recuos, que auxiliam a criar momentos de “respiro” na página.

Em design, a respiração se relaciona com a quantidade de informação visual dada ao leitor, pois quando são incorporados espaços vazios entre os elementos na formatação, o leitor, além de poder distinguir blocos semelhantes uns dos outros, também pode “descansar” a vista. Nesse sentido, uma página “respirável” é a que

⁷ Alguns exemplos são blogs com tutoriais de formatação na norma da ABNT como “Formatando parágrafos no Word nas normas ABNT” de NPI Brasil (Disponível em: <<https://blog.npi brasil.com/formatando-paragrafos-no-word-nas-normas-da-abnt/>>); “Guia completo para formatar TCC e monografia nas normas da ABNT”, de Metzger (Disponível em: <<https://blog.metzger.com/guia-completo-para-formatar-tcc-nas-normas-da-abnt/>>); “Como formatar uma monografia pelas normas ABNT do início ao fim [Parte 1]” de FazendoAcontecer.net e “Apresentação gráfica” de Formatação ABNT (Disponível em: <https://formatacaoabnt.blogspot.com.br/2011/10/apresentacao-grafica_11.html>). Notadamente isso consta também no manual de orientações para elaboração de trabalhos científicos conforme a ABNT da PUC Minas (2016, p. 40).

promove o espaço equilibrado entre seus elementos, sem saturar a vista do leitor. A distinção entre uma página que permite a respiração de uma que não permite é bastante evidente, como se pode ver na imagem abaixo:

Figura 4 - Um anúncio de jornal em duas formatações, uma que promove a respiração (direita) e uma que não promove (esquerda)



Fonte: WILLIAMS, 1995, p. 24-25.

Os artifícios dados pela própria NBR são o espaçamento de 1,5 e o recuo de 1,25 cm, que criam pequenas lacunas de espaço vazio, permitindo uma maior leitura⁸ – no sentido de ter uma leitura mais dinâmica e facilitada – e dando um maior nível de pregnância ao texto. Pregância da forma é um princípio da Teoria da Gestalt que diz sobre a qualidade de visualização de uma forma ou símbolo, sendo que uma forma dotada de um alto nível de pregnância possui “um máximo de harmonia, unificação, clareza formal e um mínimo de complicação visual na organização de suas partes ou unidades compositivas.” (GOMES FILHO, 2008, p. 36).

Assim, percebe-se que, em seu nível normativo, a formatação de parágrafos de um artigo acadêmico tenta equilibrar a simplicidade estética com a leitura. No entanto, a natureza uniforme do gênero acaba por promover com maior facilidade a

⁸ Traduzido do inglês *readability*, indica a “facilidade com que o olho pode absorver a mensagem e mover através da linha” (TYPES OF TYPEFACES, 1967, p. 84-85, apud BERKSON, 2010, tradução nossa). Disponível em: <<https://ilovetypography.com/2010/11/02/reviving-caslon-part-2-readability-affability-authority/>>. Acesso em 07 maio 2018. Embora seja um conceito originalmente atribuído à tipografia, a visualização do texto como unidades permite que suas partes possam ser lidas de maneira semelhante.

visualização dos parágrafos como blocos, o que pede uma organização cuidadosa para não sobrecarregar a página – algo que não é mencionado na NBR 14724.

Cabe, então, ao âmbito da revisão gráfica, verificar a construção e distribuição dos parágrafos, bem como o uso de artifícios para promover a legibilidade, como a sugestão do uso de recuo. De maneira geral, para promover uma imagem final mais harmônica, a disposição dos parágrafos deve ser equilibrada, ou seja, a extensão dos parágrafos na página deve, na medida do possível, ser similar ou seguir um padrão lógico, como representado nos exemplos abaixo.

Figura 5 – Exemplos de páginas harmônicas: parágrafos em padrão (esquerda) e parágrafos de mesma extensão (direita)

<p>1 Et quo de nobis, ommoditatem</p> <p>Equunt re, consequis ulparum dit ut laudem dolupient, imo tem etur aut aut odit laut ute excea doluptatem in pereruptae sitam, volorro beaque rest volupta tiorepe vere consequisim faccus et qui non coreic tem illaudi squatqu iducis quiasi aut as reri rest landuci usdaerf erempe dolorest mi, cuscillacus voloria volorro quam aute audaectem num laudem doluptati ut quodipi caborep eruptatemo to dolorerita proressed moluptatemod maios ini officii ut fugitis del maxim cuptaepis magnima ximusandit odi nimoluptus pro tem in poribusci alicaborum facculpa eatem atatur abo. Nam, officist aut voluptatur? Um volupta teseria dus dios inihillab il imilluptatia dipsant hit ut pel expernam ut ommodis exceret ea volliti anderupicati rem sam ratum re vere porepta tatur, nihil eatur ad et alic te illacit ilibusci aditae versipacae dollabo riorepuditia ni ditatis ea velit hillitastia quid molorum eum ea volest, nullabor seditinto doluptissus ero volum volorerit fuga. Et quat dunto occatur? Os alique essi occum volorepero invellere voles alibus qui officii sciendi tibus, cor simos nimusa doluptata nos cuptaep porpor suntist fuga.</p> <p>Caborer spidem hic tecaei amusam, te num et essimo sandis idis sequid eossedipid etur alitios dolorerionse esequid erunquatuae niament untiosa ndionsed molo consent orporep represtrum qui occat adia expelest, simincto optatiscidem fugia qui non parumqu idenimi nullant est, samus elenimus, optio. Otasped ullenda pore veles sunt, ut et quideri bearit re, ut ut autem qui blabore, sequaeus.</p> <p>Oreicae pedia de net into consequi iduntotas diceae et aut ipsaperumque et aut ad modit, imus dit est, qui doluptatus, alique quae sunt accatem aut adignam sus utemportitur aut officii il ipidebi scipsandic tem ad quatem re si doluptat et dolore occulliquis dolupta quaetur aut mil estioresi dolest qui od emquatue del etur adis il exerro que quodia quuntio dolorehenias in consequam hil in cor maio exerrov idesequ atento reperum quo conest fugiaest endamus doluptati blam ad et fugitis alignihil int et dolor aceat ipsam eost arunt magnatem auttet fugiam sandit libus am dolorero exerum qui doluptaquo int. Cus inullcil il maion reunte nulla vellendae volendi nectis imendit laborrovit a autem qui beat quiducias vel ellibus dolectatit quature nienti rest quam que sunt id ut estibusam unditaeisii illendi sseido. Obita quodiad que asplesequi dolorep elibus. Ecum, que odi odit endi untionsequid mi, cuptaep tuscii doluptatur, sedit incis evesele omnimus qui tet optatinimod quaspedis ent atatur accupis et modipsam quibus dolorem as ex essequatur re nem et recupidebit volorro experibus dipsand actus de omnis doloriae peri dis re vendae.</p> <p>Nem res quasi, odipsania dolupta dolupta volore dolitas voluptatquat adio cus doluptas et exercistio dis esaturit etur restio. Nequi untiusciurem nis sit, volutem et facus sitatem quae volupis quidit officiet facest, non eictur, sitatenimus audantius. Sunt optat ulpa doluptatus nitiatas exerum de eossi qui tent hicaquam sequides sitias equatur, consequi blabo. Nam net lautatet inis es iam ipsuniatum expla dermam vendici istius venture cusaest ommit, sitiam eos comminim, consedit omnis earios voluptat ped que nat dolo quis eoslemodi doluptam fugit voluptatur, volorro quia net enihit, ut quid qui odit exerum ini sunt volorio nsequia non nim facculab illendi tem escimil landict atibeaur seris moluptasint iuntemp oressitae voluptio.</p>	<p>1 Et quo de nobis, ommoditatem</p> <p>Equunt re, consequis ulparum dit ut laudem dolupient, imo tem etur aut aut odit laut ute excea doluptatem in pereruptae sitam, volorro beaque rest volupta tiorepe vere consequisim faccus et qui non coreic tem illaudi squatqu iducis quiasi aut as reri rest landuci usdaerf erempe dolorest mi, cuscillacus voloria volorro quam aute audaectem num laudem doluptati ut quodipi caborep eruptatemo to dolorerita proressed moluptatemod maios ini officii ut fugitis del maxim cuptaepis magnima ximusandit odi nimoluptus pro tem in poribusci alicaborum facculpa eatem atatur abo. Nam, officist aut voluptatur?</p> <p>Um volupta teseria dus dios inihillab il imilluptatia dipsant hit ut pel expernam ut ommodis exceret ea volliti anderupicati rem sam ratum re vere porepta tatur, nihil eatur ad et alic te illacit ilibusci aditae versipacae dollabo riorepuditia ni ditatis ea velit hillitastia quid molorum eum ea volest, nullabor seditinto doluptissus ero volum volorerit fuga. Et quat dunto occatur? Os alique essi occum volorepero invellere voles alibus qui officii sciendi tibus, cor simos nimusa doluptata nos cuptaep porpor suntist fuga. Caborer spidem hic tecaei amusam, te num et essimo sandis idis sequid eossedipid etur alitios dolorerionse esequid erunquatuae niament untiosa ndionsed molo consent orporep represtrum qui occat adia expelest, simincto optatiscidem fugia qui non parumqu idenimi nullant est, samus elenimus, optio. Otasped ullenda pore veles sunt, ut et quideri bearit re, ut ut autem qui blabore, sequaeus.</p> <p>Oreicae pedia de net into consequi iduntotas diceae et aut ipsaperumque et aut ad modit, imus dit est, qui doluptatus, alique quae sunt accatem aut adignam sus utemportitur aut officii il ipidebi scipsandic tem ad quatem re si doluptat et dolore occulliquis dolupta quaetur aut mil estioresi dolest qui od emquatue del etur adis il exerro que quodia quuntio dolorehenias in consequam hil in cor maio exerrov idesequ atento reperum quo conest fugiaest endamus doluptati blam ad et fugitis alignihil int et dolor aceat ipsam eost arunt magnatem auttet fugiam sandit libus am dolorero exerum qui doluptaquo int. Cus inullcil il maion reunte nulla vellendae volendi nectis imendit laborrovit a autem qui beat quiducias vel ellibus dolectatit quature nienti rest quam que sunt id ut estibusam unditaeisii illendi sseido. Obita quodiad que asplesequi dolorep elibus. Ecum, que odi odit endi untionsequid mi, cuptaep tuscii doluptatur, sedit incis evesele omnimus qui tet optatinimod quaspedis ent atatur accupis et modipsam quibus dolorem as ex essequatur re nem et recupidebit volorro experibus dipsand actus de omnis doloriae peri dis re vendae. Nem res quasi, odipsania dolupta dolupta volore dolitas voluptatquat adio cus doluptas et exercistio dis esaturit etur restio. Nequi untiusciurem nis sit, volutem et facus sitatem quae volupis quidit officiet facest, non eictur, sitatenimus audantius. Sunt optat ulpa doluptatus nitiatas exerum de eossi qui tent hicaquam sequides sitias equatur, consequi blabo. Nam net lautatet inis es iam ipsuniatum expla dermam vendici istius venture cusaest ommit, sitiam eos comminim, consedit omnis earios voluptat ped que nat dolo quis eoslemodi doluptam fugit voluptatur, volorro quia net enihit, ut quid qui odit exerum ini sunt volorio nsequia non nim facculab illendi tem escimil landict atibeaur seris moluptasint iuntemp oressitae voluptio. Uptur aut quam quas illatae correae nisci qui a voluptat volorit expla voluptas dolesse quissitem vendissi blabo. Os earum exeribus staeputadane qui imaio blabo, verit quatusam ipsam faccat idesent ommit exerum laut quam volorectatOtafiassit et reperion re porerum volorum que num re volor andem ipsam et occaestia endandem. Ferrum volupta quasped magna ducit, non pores enturer chitate dolunquasin et, volorre nobitaaq tibus.</p>
--	--

Fonte: elaboração da autora, 2018.

A página da esquerda contém parágrafos elaborados em um padrão lógico (o primeiro, o quarto e o quinto tem maior extensão, respectivamente 12 e 8 linhas, enquanto os parágrafos de 2 e 3 tem menor extensão, de 5 linhas cada, criando um efeito de ampulheta – menos texto no centro da página *versus* mais texto nas bordas da página). Já a da direita contém parágrafos com a mesma extensão, de 7 linhas –

mostrando que mesmo uma configuração feita com elementos de um mesmo tamanho pode preencher completamente uma página e tornar a leitura cansativa.

Para que a harmonia visual da página seja atingida, deve-se fazer uso de uma estratégia simples, o controle de extensão do parágrafo. De um ponto de vista gráfico, parágrafos muito curtos (de 1 a 2 linhas) agem como filetes, criando uma quebra no ritmo de leitura do texto. Não considero que seu uso consciente traga problemas, pois explora essa quebra para destacar informações, como no caso das ilhotas introdutórias de citações longas; porém, ao perceber que o autor simplesmente utiliza de um grande número de parágrafos curtos, é relevante para o revisor indicar mudanças de estruturação, uma vez que mais do que tornar o aspecto visual do texto desarmônico, o uso dessas estruturas tende a indicar problemas de articulação de ideias.

Na margem oposta, a presença de parágrafos muito extensos traz grandes problemas de ordem gráfica, pois quanto maior o parágrafo, mais espaço da página será preenchido com um mesmo estilo e peso de texto, tornando a imagem final em um grande bloco visualmente inexpressivo. Ambos os extremos de paragrafação devem ser evitados, mas caso sua presença seja incontornável no texto, o recomendado é equilibrar os blocos ao redor para que uma transição visual menos abrupta, tanto os de visual semelhante como os demais parágrafos quanto os itens que recebem peso distinto pela norma, como títulos e citações diretas longas.

4.2 Citações diretas longas

Como visto na subseção anterior, as normas de apresentação previstas pela NBR 14724 dão peso distinto aos elementos do texto através do uso de destaque e do tamanho da fonte. A citação direta longa, que possui mais de três linhas, recebe um peso diferente do corpo geral do texto e das demais formas de vozeamento (paráfrase e citação direta curta): além de não ter aspas, esse texto especial possui fonte “menor que a do texto utilizado” (geralmente atribuída como fonte 10) e se apresenta com recuo de 4 cm e espaçamento simples (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002; 2011).

Essa formatação distinta tem um valor muito relevante para a identificação do leitor frequente do gênero, pois imediatamente é possível separar a voz do autor da voz daquele(s) sendo citado(s) por ele, isto é, na dimensão do design, é imediata a distinção

dos blocos de corpo geral e de citação longa, o que, na composição da página, possui suas vantagens e desvantagens.

Por um lado, a presença de citações diretas longas pode garantir uma melhor qualidade visual para a página, pois suas características acrescentam variação e dinamismo à composição se comparadas com a formatação mais predominante ao longo do texto, a do corpo geral. Da mesma forma, o recuo acentuado, típico, garante algum grau de respiração à página, uma vez que insere uma quantidade considerável de espaço vazio em um espaço que, em outra situação, seria completamente preenchido por texto.

Figura 6 - Comparação entre uma página preenchida apenas com corpo geral (esquerda) e outra, preenchida com corpo geral e citações diretas longas (direita)

<p>2 Et quo de nobit, ommoditatem</p> <p>Equunt re, consequis ulparum dit ut laudem dolupient, imo tem etur aut aut odit laut ute excea doluplatem in perruptae sitam, volorro beatque rest volupta tiorepe vere consequisim faccus et qui non coreic tem illaudi squatqu idicuis quasi aut as reri rest landuci usdaerf erempe dolorest mi, cuscillaccus voloria volorro quam aute audaectem num laudem doluptati ut quodipi caborep eruptatemo to dolorerita proresed moluplatemod maios ini officii ut fugitit del maxin cuptaepit magna ximusandit odi nimoluptus pro tem in poribusci alicaborum faculpa etem atatur abo. Nam, officist aut volupatur? Um volupta teseria dus dios inihillab il iniluplata dypsant hit ut pel expernam ut ommodis excerest ea volitti anderupicati rem sam ratum re vere porepta tatur, nihil eatur ad et alic te illicit ilbusci aditae versipicac dolabo riorepuditia ni ditatis ea velit hillitasitia quid molorum eum ea volest, nullabor seditino doluptissus ero volum volorerit fuga. Et quat dunto occatur? Os aliqae essi occum volorepero invellere voles alibus qui officii sciendi tibus, cor simos nimusa doluplata nos cuptate porpor suntist fuga.</p> <p>Caborer spidem hic teaceri amusam, te num et esimo sandis idis sequid eossedpid etur alitios dolorerionse esequid erunquatae niameud untiosa ndionsed molo consent orporep represtrum qui occat adia expelest, simincto optaticidem fugia qui non parumqui idenimi nullant est, samus elenimus, optio. Otasped ullenda pore veles sunt, ut et quideri bearit re, ut ut autem qui blabore, sequaetus.</p> <p>Oreicae pedia de net into consequi iduntotas dicae et aut ipsaperumque et aut ad modit, imus dit est, qui doluplatus, aliqae quae sunt accatem aut adignam sus utemporitur aut officil il ipidebi scipsandic tem ad quatem re si doluplat et dolore occulliquis dolupta quaetur aut mil estioresi dolest qui od emunquate del etur adis il exerro que quodia quuntio dolorerhenias in consequam hil in cor maio exerrof idesequ atento reperum que conest fugaest endamus.</p> <p>Doluptati blam ad et fugitit alignihil int et dolor acat ipsam eosst arunt magnatem autatet fugiam sandit libus am dolorero exerum qui doluptaquo int. Cus inullicit il maion reiunte nulla vellendae volendi nectis imendit laborrovit a autem qui beat quiducias vel ellibus dolectatit quature nienti rest quam que sunt id ut estibusam unditaescis illendi sseido. Obita quodiat que aspelesequi dolorep elibus. Ecum, que odi odit endi untionsequid mi, cuptate ctusci doluplatur, sedit incis evelese omnimus qui tet optatinimod quaspedis ent atatur accupis et modipsam quibus dolorem as ex esequatur re nem et recupidebit volorro experibus dipsund aectus de omnis doloriae perit dis re vendae.</p> <p>Nem res quasit, odipsania dolupta dolupta volore dolutas voluptatquaat adio cus doluptas et earcistio dis eaturist etur restio. Nequi untuscireum nis sit, volutem et facius sitatem quae volupis quidit officiet facest, non eictur, sitatenimus audantius. Sunt optat ulpa doluplatius nitiatias exerum de eossi qui tent hicaaquam sequides sitaes equatur, consequi blabo. Nam net lautatet inis es ium ipsuntiatum expla demam vendici istius venture cusaest omnit, sitam eos comminint, consedit omnis earios voluptat ped que nat dolo quis eostemodi doluptam fugit voluptatur, volorro quia net enihit, ut quid qui odit exerum ini sunt volorio nsequia non nim facculab illendi tem escimil landictatbearum seris moluptasint luntemp oressitae voluptio.</p> <p>Nust, quia sint quaetur? Iliqui nonsectat, ellacuscii dolo venimol oressquo blabor aborumqui sum nem explab il ius ma doluptat.Aximpep itatur adignih icimossi acerbibus, quae que et volupta tintio offic tem volupta dolorumCi sundae adis dis doluptatum rehenis magnimpore quam arum faccum aditas modit perspedit et alicunt quia coresto et reitascia.</p>	<p>2 Et quo de nobit, ommoditatem</p> <p>Equunt re, consequis ulparum dit ut laudem dolupient, imo tem etur aut aut odit laut ute excea doluplatem in perruptae sitam, volorro beatque rest volupta tiorepe vere consequisim faccus et qui non coreic tem illaudi squatqu idicuis quasi aut as reri rest landuci usdaerf erempe dolorest mi, cuscillaccus voloria volorro quam aute audaectem num laudem doluptati ut quodipi caborep eruptatemo to dolorerita proresed moluplatemod maios ini officii ut fugitit del maxin cuptaepit magna ximusandit odi nimoluptus pro tem in poribusci alicaborum faculpa etem atatur abo. Nam, officist aut volupatur? Um volupta teseria dus dios inihillab il iniluplata dypsant hit ut pel expernam ut ommodis excerest ea volitti anderupicati rem sam ratum re vere porepta tatur, nihil eatur ad et alic te illicit ilbusci aditae versipicac dolabo riorepuditia ni ditatis ea velit hillitasitia quid molorum eum ea volest, nullabor seditino doluptissus ero volum volorerit fuga. Et quat dunto occatur? Os aliqae essi occum volorepero invellere voles alibus qui officii sciendi tibus, cor simos nimusa doluplata nos cuptate porpor suntist fuga.</p> <p>Caborer spidem hic teaceri amusam, te sum et esimo sandis idis sequid eossedpid etur alitios dolorerionse esequid erunquatae niameud untiosa ndionsed molo consent orporep represtrum qui occat adia expelest, simincto optaticidem fugia qui non parumqui idenimi nullant est, samus elenimus, optio. Otasped ullenda pore veles sunt, ut et quideri bearit re, ut ut autem qui blabore, sequaetus.</p> <p>Oreicae pedia de net into consequi iduntotas dicae et aut ipsaperumque et aut ad modit, imus dit est, qui doluplatus, aliqae quae sunt accatem aut adignam sus utemporitur aut officil il ipidebi scipsandic tem ad quatem re si doluplat et dolore occulliquis dolupta quaetur aut mil estioresi dolest qui od emunquate del etur adis il exerro que quodia quuntio dolorerhenias in consequam hil in cor maio exerrof idesequ atento reperum que conest fugaest endamus.</p> <p>Doluptati blam ad et fugitit alignihil int et dolor acat ipsam eosst arunt magnatem autatet fugiam sandit libus am dolorero exerum qui doluptaquo int. Cus inullicit il maion reiunte nulla vellendae volendi nectis imendit laborrovit a autem qui beat quiducias vel ellibus dolectatit quature nienti rest quam que sunt id ut estibusam unditaescis illendi sseido. Obita quodiat que aspelesequi dolorep elibus. Ecum, que odi odit endi untionsequid mi, cuptate ctusci doluplatur, sedit incis evelese omnimus qui tet optatinimod quaspedis ent atatur accupis.</p> <p>Quibus dolorem as ex esequatur re nem et recupidebit volorro experibus dipsund aectus de omnis doloriae perit dis re vendae. Nem res quasit, odipsania dolupta dolupta volore dolutas voluptatquaat adio cus doluptas et earcistio dis eaturist etur restio. Nequi untuscireum nis sit, volutem et facius sitatem quae volupis quidit officiet facest, non eictur, sitatenimus audantius.</p> <p>Ugitatet simus, cus. Lenet quae nestisquam imporibus etur, cumqui odi dolorpo reictas utemped magnis sinctorem estionsequam re, utem re nis nis sit aut estiorero tectae ne pa vellaccabo. Et am, quostio. Nequatur? Eni rat omnihil inciatiasum nam inis ut reic to mollecto venient iatusda volentis doleupta non peliquis altitumquis eicis estem veriantit.</p>
--	---

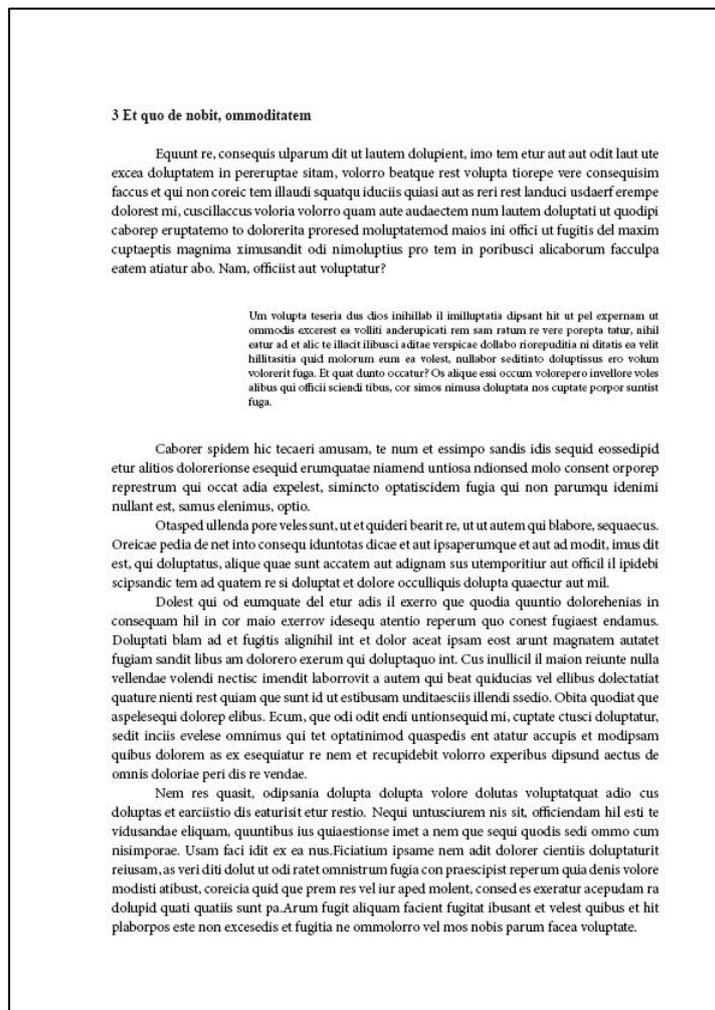
Fonte: elaboração da autora, 2018.

Por outro lado, o uso excessivo desse recurso textual pode trazer alguns problemas, podendo inclusive sair do âmbito visual do texto⁹. Por ser formatado em

⁹ O uso de citações diretas longas também deve ser avaliado em seu valor como estratégia argumentativa. Positivamente, o uso do discurso direto de outrem funciona como argumento de autoridade, acrescentando a palavra de especialistas no texto, como também pode ser necessário ao tratar de tópicos

uma fonte pequena (inferior tanto ao padrão na ABNT quanto ao valor-base de 11 para arquivos no editor de textos Microsoft Word), é mais difícil distinguir as partes que compõem a unidade do parágrafo de informação, ou seja, a formatação da citação direta longa possui menos pregnância e, logo, menor legibilidade – mesmo que a fonte em si não tenha mudado para textos em tamanhos maiores. Também deve ser considerada a harmonia total da página, sendo necessário pesar a distribuição de parágrafos de corpo geral e os de citação longa de forma a manter uma imagem final organizada e coesa (Imagem 7).

Figura 7 - Exemplo de página que possui citação direta longa



Fonte: elaboração da autora, 2018.

na área de literatura ou no debate acerca de obras específicas. Negativamente, seu uso excessivo sem a articulação correta e discussão no corpo geral do texto indica uma falta de domínio do assunto pelo autor e até indica imaturidade na produção de artigos. Para mais informações quanto à análise de aspectos discursivos no âmbito da revisão de textos, ver Rodrigues, 2015.

No exemplo acima, pode-se perceber que, apesar de só haver uma única citação direta longa, o seu tamanho é compatível ao do primeiro parágrafo de corpo geral (7 linhas), criando um padrão lógico para a página (médio, médio, pequeno, pequeno, grande, grande).

Em suma, é importante para a composição visual do texto que todos os elementos, mesmo os que possuem formatações e pesos distintos, coexistam de maneira harmônica e deliberada. Na seção seguinte, trataremos de outro elemento de formatação especial que, assim como as citações diretas longas, deve ter seu uso planejado com cautela de forma a manter tanto a legibilidade do texto quanto uma composição visual harmônica.

4.3 Notas de Rodapé

A NBR 10520 classifica notas de rodapé como “indicações, observações ou aditamentos ao texto feitos pelo autor, tradutor ou editor, podendo também aparecer na margem esquerda ou direita da mancha gráfica” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002), ou seja, informações extras que não precisariam necessariamente figurar no corpo principal do texto. Elas seguem o sistema numérico, que utiliza números arábicos progressivos para identificar qual parte do texto principal se refere a este conteúdo de apoio/explicativo. Assim como as citações diretas longas, as notas de rodapé possuem formatação especial, configurando em fonte menor que a do corpo e espaçamento simples (“sem espaço entre elas” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2002, p. 5)). Além disso, é especificado que as notas, justamente por fazerem uso do sistema numérico, devem destacar o expoente, também sendo necessário alinhar o texto corrido de cada nota a partir da primeira letra da primeira palavra.

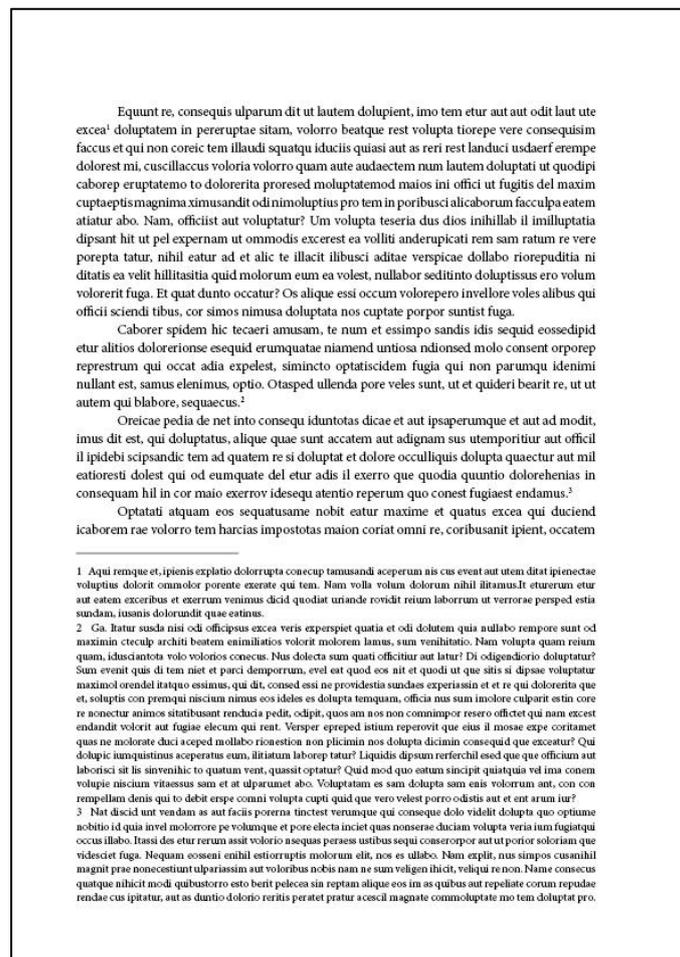
As notas de rodapé possuem as mesmas vantagens e desvantagens visuais dos outros tipos de texto especial: seu uso ao longo do texto traz variação, uma vez que difere do corpo geral e ainda acrescenta outro tipo de elemento gráfico, o filete (tanto em sua forma tradicional de 3 cm¹⁰, como um traço simples para delimitar a área de rodapé, quanto em estilizações partindo da entrelinha do texto para notas à margem). Simultaneamente, devido ao alinhamento específico, a fonte menor e o espaçamento

¹⁰ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2011, p. 8.

simples, notas de rodapé também possuem grande tendência a serem visualizadas como blocos, o que compromete o aspecto de leitura e respiração geral da página. No entanto, o que deve ser especialmente atentado pelo revisor ao observar esse elemento no texto é sua extensão, pois esta traz grandes desafios para a composição visual da página.

Como discutido em Marques (2017, p. 146), o papel discursivo das notas de rodapé pede que o revisor busque verificar sua extensão, de forma que não sejam excessivamente sucintas e deixem a desejar em sua função de esclarecer informações e termos do texto, e muito menos excessivamente longas, para evitar o cansaço do leitor e, por consequência disso, o abandono do texto. Sob uma perspectiva visual, porém, essa reação adversa à nota de rodapé extensa se justifica pelo aspecto de leitura e de pregnância, pois o alinhamento bloqueado e a fonte menor conferem um caráter carregado, como se pode ver na figura abaixo.

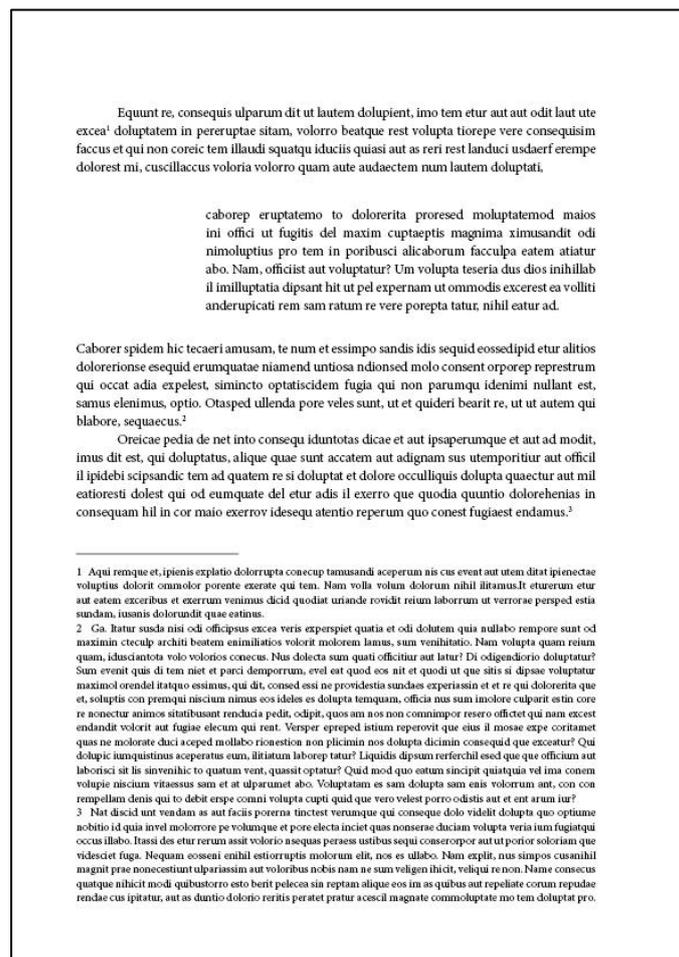
Figura 8 - Exemplo de nota de rodapé muito extensa



Fonte: elaboração da autora, 2018.

A imagem 8 traz um exemplo drástico, mas não incomum, de uma nota de rodapé que ocupa metade/mais da metade da página. Uma solução primeira para esse problema seria apontar ao autor essa ocorrência para que a nota seja reduzida – ou por síntese ou recolocando algumas das informações dela no corpo geral do texto. Como apontado por Marques (2017, p. 148-149) ao analisar uma nota da área de Direito, é perfeitamente possível que o autor acabe por “exagerar” na explicação, acrescentando informações não tão relevantes ao tópico principal. No entanto, em situações específicas, a nota de rodapé extensa é essencial para a compreensão do texto (notadamente, em traduções, textos jurídicos e de literatura) e não pode ser alterada, devendo, então, ser incorporada na composição da página, sendo equilibrada com usos estratégicos de respiração e espaçamento (Figura 9).

Figura 9 - Exemplo de página equilibrada, mesmo com notas de rodapé extensas



Fonte: elaboração da autora, 2018.

O uso de citação direta longa no exemplo traz um momento de respiração que equilibra o peso das notas de rodapé. O mesmo vale para todos os recuos e os espaços vazios extras que se dão quando a linha termina antes da borda da página, relevantes para qualquer forma de paragrafação. Sobre o processo de composição visual aliado à nota de rodapé extensa, deve-se destacar, porém, como o posicionamento desse elemento é fixado nas margens da página, admite-se que esse método é menos intuitivo do que simplesmente sugerir uma reorganização de informações entre parágrafos.

Em suma, ao revisar textos com notas de rodapé, é esperado ao revisor que faça uso da revisão gráfica como forma de prezar pela harmonia desse elemento com o restante do texto. O equilíbrio de aspectos discursivos e visuais proporcionará uma leitura completa, mas não menos confortável e visualmente agradável ao leitor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo o escopo de atuação de um revisor uma área muito ampla, abarcando diversos tipos de competências e diversas modalidades e *modi operandi*, é sempre relevante para a profissão explorar novas formas de contribuir para o processo de adequação e preparação do texto – a revisão gráfica é apenas um destes.

Ao revisor que busca utilizá-la, porém, pode surgir a dúvida se esse âmbito de atuação não seria, no fim, de responsabilidade do diagramador e que problemas de ordem gráfica e normalizadora do texto acabam por serem ultimamente corrigidos nesse estágio mais avançado do processo de publicação. Em alguns aspectos, isso não é incorreto, pois cada publicação possui seu próprio projeto gráfico e suas próprias regras e padrões visuais que muitas vezes neutralizam qualquer trabalho de organização feito anteriormente pelo autor. O diagramador também é responsável por reduzir ao mínimo outros tipos de ocorrências de ordem gráfica no texto – manter títulos e conteúdo na mesma página, retirar linhas viúvas e/ou órfãs, entre outros. No entanto, assim como o escopo de atuação da revisão normalizadora não esgota as opções para a revisão gráfica, o projeto gráfico de uma publicação não sana as ocorrências mais individuais e específicas mencionadas aqui neste artigo, especialmente aquelas com ligação íntima à organização coesiva do texto como a paragrafação.

Desse modo, ainda que não muito utilizada ou misturada a outros tipos de revisão mais tradicionais, a modalidade de revisão gráfica pode trazer grandes melhorias

ao texto, não só como suporte para a textualidade, mas como uma maneira efetiva de explorar a materialidade em seu aspecto físico, perceptivo e estético.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação – citações em documentos – apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevitch). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martin Fontes, 1997.

COELHO, Sueli Maria; ANTUNES, Leandra Batista. Revisão textual: para além da revisão linguística. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 205-224. 1º semestre 2010.

COSTA VAL, Maria da Graça. Quatro Fatores de Coerência. In: COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GOMES FILHO, João. **Gestalt do objeto**: sistema de leitura visual da forma. 8. ed. rev. e ampl. São Paulo: Escrituras Editora, 2008.

KE, Diane. **Lorem Ipsum**. [S.l.]: Behance, 28 set. 2013. Disponível em: <<https://www.behance.net/gallery/11172217/Lorem-Ipsum>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

MARI, Hugo; SILVEIRA, José Carlos Cavalheiro de. Sobre a cognição visual. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 03-26. 1º semestre 2010.

MARQUES, Thatiane Cristina da Silva. A relação da normalização em notas de rodapé e a discursividade em textos acadêmico-científicos. **Cadernos CESPUC de Pesquisa**, n. 31, p.142-152, 2º semestre 2017.

RIBEIRO, Ana Elisa. Revisão de textos e “diálogo” com o autor: abordagens profissionais do processo de produção e edição textual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32, 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2009.

RODRIGUES, Daniella Lopes Dias Ignácio. Para além da normalização: aspectos discursivos das normas de padronização. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 19, n. 36, p. 357-368, 1º semestre 2015.

SEURAT, Georges. **A Sunday on La Grande Jatte**. 1884. 1 original de arte, óleo sobre tela, aprox. 2 m x 3 m. [S.l.]: About this Artwork, The Art Institute of Chicago, 2018. Disponível em: <http://www.artic.edu/aic/collections/artwork/27992?search_no=2&index=9>. Acesso em: 29 abr. 2018.

WILLIAMS, Robin. **Design pra quem não é designer**: noções básicas de planejamento visual. Tradução de Laura Karin Gillon. São Paulo: Callis, 1995.

ANEXO 1 - Exemplos apresentados em Coelho e Antunes (2010): na ordem,
resumo, piada e notícia

1 **O DISCURSO PUBLICITÁRIO E SUAS MUTAÇÕES**
2
3 **Resumo:** Locutores publicitários investigam desejos do público consumidor e
4 anunciam, neste mundo capitalista, produtos capazes de saciar de maneira eficaz os
5 anseios da consumidora sociedade. Para persuadir tal público, o publicitário utiliza-se de
6 estratégias discursivas diversas, a fim de transformá-lo, primeiramente, em
7 consumidores da publicidade e, posteriormente, consumidores do produto em si. Neste
8 projeto, estudamos os procedimentos semânticos e discursivos presentes nas
9 publicidades (impresas e televisivas) das cervejas Antártica, Kaiser, Skol, Nova Schin,
10 Brahma, Bohemia e Primus, a fim de conhecer as estratégias apresentadas pelo
11 anunciante para apresentar ao sujeito receptor as vantagens e os benefícios de se adquirir
12 a marca anunciada e não a outra, e também, para despertar nesse, desejos e ambições
13 que, segundo os efeitos discursivos de cada publicitário, somente serão saciadas com a
14 aquisição do produto específico. Através da análise dos procedimentos semânticos e
15 discursivos fundamentados na teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau, foi
16 possível observar os valores que se alicerçam em conceitos aceitos e compartilhados
17 pela sociedade, valores estes determinados pelos seguintes domínios de avaliação,
18 verdade, estética, ética, hedônica e pragmática. Procurou-se, ainda, examinar a maneira
19 como o discurso publicitário se organiza para, por meio do logos, despertar o pathos, ou
20 seja, as emoções do interlocutor para levá-lo a adquirir o produto. Assim, notamos que
21 se mantém na liderança do mercado o anunciante que melhor argumenta a favor do seu
22 produto - criando uma imagem positiva do ethos - e, (explícita ou implicitamente)
23 argumenta contra o produto concorrente - criando uma imagem negativa do ethos do
24 concorrente. Tais análises permitiram-nos identificar as diferenças e as regularidades
25 deste discurso de caráter persuasivo e o processo de mutação-transformação da imagem
26 do produto, provocado pelo sujeito emissor/anunciante, para sempre atender às
27 necessidades ideológicas do sujeito receptor/consumidor. Assim, percebemos através da
28 pesquisa o quão é versátil a forma como um único produto se apresenta à sociedade,
29 desde o apelo à imagem erótico-feminino até por meio de estratégias de caráter
30 metalinguístico que mascaram o produto, transformando-o em objeto de desejo irreal
31 que o Sujeito Interlocutor almeja conquistar ao consumir o produto.

Pergunte ao Seu Creysson

- O meu fio tá ouvindo um zumbido. Seu Creysson, eu queria saber se é um zumbido na zorelha ou no zovido?

- Cuma é que é? O seu fio tá com dor na zoreia e a senhória tá prcurândio dica de gramátrica? Se é criança e tá com pobrêmia, tem que levá no pederasta. Ai o pederasta vai mandá pro pecialista de pobrêmia no zovido, que é aquele outro dotô... O dotô Rino”

Detento britânico fica bêbado com álcool gel para prevenção de gripe suína

Gel foi consumido horas depois de ter sido disponibilizado aos detentos para evitar contágio



BRASIL.com

Um detento de uma prisão de Dorset, na Grã-Bretanha, teria ficado embriagado depois de beber o álcool gel disponibilizado nos corredores da prisão para evitar o contágio pela gripe suína.

O gel foi colocado à disposição dos detentos na prisão The Verne, em Portland, na segunda-feira e, segundo a Associação Britânica de Carcereiros (POA, na sigla em inglês) o incidente com o detento intoxicado ocorreu horas depois.

"Fomos informados de um incidente horas depois da disponibilização do gel. Em uma das alas acredita-se que um detento estava usando (o gel) de forma imprópria", afirmou Andy Fear, da Associação de Carcereiros da prisão de The Verne.

"Quando você tem algo chamado álcool gel, pode ver que algo vai acontecer. Temíamos isto quando ficamos sabendo que seria oferecido aos detentos. Você não quer prisioneiros bêbados comendo pela prisão", acrescentou.

Prevenção

O Departamento de Prisões da Grã-Bretanha afirmou que os frascos com o álcool gel foram retirados como "uma medida preventiva" e já iniciou uma investigação.

"No dia 21 de setembro um prisioneiro na prisão The Verne mostrou sinais de intoxicação, cuja causa está sendo investigada", informou um porta-voz do departamento.

"Os frascos com gel bactericida foram removidos da prisão como medida preventiva", acrescentou.

Acredita-se que o gel tenha sido misturado com algum tipo de bebida antes de ser consumido.

Em março, o hospital britânico Royal Bournemouth afirmou que foi um dos muitos hospitais que retirou de sua recepção frascos com gel à base de álcool para a limpeza das mãos, para evitar que os visitantes bebessessem o produto.



Detento ingeriu o álcool que deveria ser usado na prevenção da gripe suína